

EDUCAÇÃO DO CAMPO: ALIANDO O CONHECIMENTO CIENTÍFICO À REALIDADE DOS EDUCANDOS

Nairana Becker Vergutz¹, Milena Thaís Röhler², Sidinei Pithan da Silva³

¹ Mestranda em Educação nas Ciências pela Unijuí e bolsista Capes. E-mail: nairana.vergutz@sou.unijui.edu.br

² Mestranda em Educação nas Ciências pela Unijuí e bolsista Capes. E-mail: milena.rohler@sou.unijui.edu.br

³ Professor do Programa de Pós-Graduação em Educação nas Ciências. E-mail: sidinei.pithan@unijui.edu.br

INTRODUÇÃO

O ambiente escolar é o local em que os discentes se apropriam de conhecimentos científicos fundados historicamente pela humanidade, como também local da produção deles nas relações entre o universo da ciência e o universo das vivências cotidianas. Dessa forma, o estudo objetiva demonstrar a importância das vivências escolares que reconhecem e inserem nas práticas pedagógicas o protagonismo cultural e formador articulada com as dinâmicas sociais e realidades dos educandos, visando um processo educativo mais crítico e humanizante, demonstrando a partir das ações educativas a relevância em trabalhar com temas transversais e geradores. Estes que tornam-se necessários para a práxis pedagógica ocorrer na realidade de uma escola campesina. Visto que ao procurar inserir no ambiente escolar os aspectos culturais, históricos e populares do campo os mesmos tendem a potencializar e enriquecer as aprendizagens, proporcionando maior aproximação do conhecimento, relacionando-os com elementos concretos do cotidiano, fazendo com que as aprendizagens sejam relevantes e significativas.

METODOLOGIA

A elaboração da pesquisa permeia discussões que guiam o processo de ensino e aprendizagem na perspectiva da Educação do Campo que levam em consideração as realidades dos educandos e os povos que no campo vivem de maneira qualitativa e investigativa. A fundamentação teórica, parte da revisão bibliográfica bem como, das vivências e entendimentos das autoras. Quanto aos procedimentos metodológicos, trata-se de uma análise reflexiva que partiu de vivências, reflexões e estudos realizados pelas autoras. Como recurso para a investigação, analisou-se as obras de Freire (1996, 1998, 1987) e Molina (2004).

¹ Mestranda em Educação nas Ciências pela Unijuí e bolsista Capes. E-mail: nairana.vergutz@sou.unijui.edu.br

² Mestranda em Educação nas Ciências pela Unijuí e bolsista Capes. E-mail: milena.rohler@sou.unijui.edu.br

³ Professor do Programa de Pós-Graduação em Educação nas Ciências. E-mail: sidinei.pithan@unijui.edu.br

Este tipo de pesquisa permite aprofundar a investigação sobre as questões relacionadas ao tema em estudo e das suas relações, mediante o contato mais próximo e direto com a situação a ser analisada.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A constituição da educação em seu aspecto no e do campo parte do princípio dos direitos universais à educação, e apresenta uma vasta gama de singularidades em relação às outras modalidades de ensino. Isto porque, desde o início de seus movimentos e reivindicações, a educação no e do campo esteve aliada à luta por terras e ao mesmo tempo por uma educação que não fosse apenas localizada no campo mas, que atribuísse em seu currículo a cultura do campo e do povo camponês. A Educação do Campo para Molina (2004, p.11) “resgata não só como espaço da produção, mas como território de relações sociais, de cultura, de relação com a natureza, enfim, com território de vida”. Nesse sentido, torna-se relevante que as propostas pedagógicas das instituições visualizem, com um olhar sensível, essas realidades e as possibilidades educativas no ambiente escolar.

Nessa perspectiva, a modalidade da educação camponesa não necessariamente significa uma escola com fins agrícolas, mas sim, uma escola ligada há fortes vínculos com a cultura produzida pelas relações sociais mediadas pelo trabalho no campo e na terra. É necessário pensar a educação do campo como um ambiente de projetos educativos e práticas emancipatórias de qualidade, com a educação voltada às realidades e particularidades do meio camponês na qual os discentes estão inseridos, fazendo com que os sujeitos se tornem ativos e protagonistas de sua realidade, tornando como princípio a cultura, a experiência e os saberes locais para organização do sistema de ensino e realização do trabalho pedagógico.

Dessa forma, se faz necessário mencionar que uma educação voltada ao desenvolvimento humano aliada ao respeito para com os saberes dos educandos e sua realidade de vida, foi amplamente defendida pelo educador brasileiro Paulo Freire. Sendo que ele sempre se referia à educação como libertadora e transformadora

[...] o dever de não só respeitar os saberes com que os educandos, sobretudo os das classes populares, chegam a ela – saberes socialmente construídos na prática comunitária – mas também, como há mais de trinta anos venho sugerindo, discutir com os alunos a razão de ser de alguns desses saberes em relação com o ensino dos conteúdos. Por que não aproveitar a experiência que têm os alunos de viver em áreas da cidade descuidadas pelo poder público para discutir, por exemplo, a poluição dos riachos e dos córregos e os baixos níveis de bem-estar das populações, os lixões e os riscos que oferecem à saúde das gentes. Por que não há lixões no coração dos bairros ricos e mesmo puramente remediados dos centros urbanos? Esta pergunta é considerada em si demagógica e reveladora da má vontade de quem a faz. É pergunta de subversivo, dizem certos defensores da democracia (FREIRE, 1996, p, 17).

Assim, compreender o campo como uma maneira social de vida, colabora com a auto afirmação da identidade dos povos do campo, a fim de valorizá-los com suas crenças, modos de viver, culturas, conhecimentos e seu trabalho, bem como a sua relação direta com a natureza, dessa forma é de grande acuidade articular práticas a partir da realidade campezina. Considerando a educação do campo como um movimento social de resistência torna-se necessário que as aprendizagens sejam incorporadas com os conhecimentos e saberes socialmente construídos.

Segundo Freire (2010, p.32) é necessário “estabelecer uma intimidade entre os saberes curriculares fundamentais aos alunos e a experiência social”, neste movimento, estaremos aproximando os alunos das aprendizagens de forma mais prático. Sendo possível assim, ampliar ainda mais os repertórios de aprendizagens, trabalhando os conteúdos programáticos visando as realidades dos educandos, o que facilita a interação entre alunos e conhecimentos, como também aproxima a relação entre alunos e os conhecimentos científicos.

Esta relação pedagógica torna os educandos interessados nas outras atividades da escola, e esse também é o diferencial do ensino da modalidade do campo, que preconiza a participação dos alunos em todas as tarefas desenvolvidas, possibilitando vivências de forma mais prática e experimental. A educação do campo preconiza a formação social dos sujeitos através das articulações dos saberes, vivências e conhecimentos, vinculando-as numa relação prática de ensino emancipatório, fazendo dos sujeitos estudantes autônomos e atuantes de sua própria aprendizagem.

Pensando nesta perspectiva de formação dos sujeitos atrelada à uma prática de ensino emancipatória e interligada à realidade de vida dos educandos, vê-se acontecendo o processo de educação permeado de interações, de relações sociais, consideradas por Freire (1987) como um meio importante e facilitador da aprendizagem. Pois conforme seu pensar exposto na obra *Pedagogia do Oprimido* (1987, p.44), “Ninguém educa ninguém, como tampouco ninguém se educa a si mesmo: os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo”.

Nesse sentido, elucidando o fazer pedagógico com aspectos da realidade é possível realizar inúmeras experiências e práticas pedagógicas concedendo aos docentes a possibilidade de executarem um conjunto de observações, tarefas de classificações, raciocínio lógico, produções, entre outras, permitindo o envolvimento dos discentes na criação e elaboração de hipóteses, estratégias e solução de problemas baseados em suas vivências.

Portanto, é de suma importância compreender a educação do campo a partir da diversidade camponesa, a qual possibilita a ampliação de conhecimentos e, que levem em conta aspectos da realidade, as quais os estudantes vivenciam diariamente, sendo este o ponto de partida para o processo pedagógico e práticas de ensino campezino, visando uma educação

voltada para as necessidades de suas populações, garantindo qualidade e tornando-se o centro da cultura da comunidade, incorporando-se às exigências e necessidades reais dos discentes.

Valorizar a cultura do povo campestre e utilizar temas transversais e geradores como instrumentos impulsionadores de aprendizagem significativa torna praticamente nula a existência de um ensino opressor e bancário neste meio (FREIRE, 1996). Um ensino bancário seria onde os docentes são os detentores do conhecimento que é apenas repassado aos alunos e que não leva em consideração sua cultura e modos de vida, sendo exatamente o oposto do que foi proposto em relação à educação no e do campo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, é possível desenvolver práticas alternativas e dinâmicas que busquem romper com a hegemonia do pragmático e do ensino bancário, focando em uma práxis educativa de um processo contínuo, reflexivo, dialógico e cooperativo na realidade da modalidade de vida da educação campestre.

Sendo que através do desenvolvimento de práticas mais significativas, as possibilidades de construção do conhecimento de forma autônoma, crítica e realmente significativa ampliam-se exponencialmente. O estudante é o sujeito da aprendizagem e o professor é um mediador, ou seja, o professor proporciona as “ferramentas”, indica caminhos e o estudante descobre como “manusear” as ferramentas considerando seu modo de vida.

Assim, nessa práxis os ambientes da escola, seja a sala de aula, o gramado ou a pequena horta escolar, tornam-se espaços de diálogos interdisciplinares entre os conhecimentos escolares e entre os conhecimentos pertinentes à realidade campestre, envolvendo uma conexão de saberes, possibilitando a construção e o aprendizado, que valorizam as experiências e vivências dos próprios alunos em seu contexto de vida.

Palavras-chave: Educação do Campo. Práticas Pedagógicas. Aprendizagens Significativas. Realidades de vida.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 9. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa** / Paulo Freire. – São Paulo: Paz e Terra, 1996. – (Coleção Leitura).

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17ª Edição, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

MOLINA, M. C. JESUS, S.M.S.A. de. Por uma Educação do Campo: Contribuições para a construção de um projeto de educação do campo. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.